

O TREM *da* HISTÓRIA

ANO 4 - Nº 16

JAN / FEV / MAR / 95

BOLETIM INFORMATIVO DO SETOR DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO DA FUNDAÇÃO CULTURAL CALMON BARRETO

Fábrica de Mantega Triângulo, fundada em 1911, de propriedade de Callmério Guimarães e Ernesto Rosa. Fotografia datada de 1928, doada por Alonso José de Aguiar.

(Arquivo SPH/FCCB)
Autor: Octávio Fonseca



**COMÉRCIO,
INDÚSTRIA
&
Memória**

Ainda que o pesquisador Saint-Adolphe se referisse a Araxá, em 1845, como produtora de fumo, queijo e tecidos que eram exportados para as regiões vizinhas, não podemos falar numa verdadeira indústria têxtil em Araxá. Leia na página 05, a última parte da pesquisa que trata do comércio local até a primeira década do século XX e um enfoque especial sobre a nossa indústria, no mesmo período, que, na verdade, nunca ultrapassou o âmbito familiar.

Araxá no século XIX

A SAÚDE

Araxá começou a trilhar os caminhos do turismo no final do século passado "vendendo saúde" através das águas minerais do Barreiro. Entretanto as condições sanitárias da cidade e a saúde da sua população não eram das melhores.

(página 06)

QUEM FOI QUEM

O estreito vínculo de Alexandre Gondim com Araxá, cuja edificação se deu sobre as suas terras, concedeu-lhe o direito de ser nome de uma das ruas centrais da cidade. Conheça, de fato, quem foi Alexandre Gondim.

(página 08)

Editorial

Primeira edição do ano de 1995, o número 16 do Trem da História está a caminho do 5º ano de sua publicação e à procura de inovações. O seu lay-out se apresenta de forma mais elaborada, buscando suavizar os textos, por algumas vezes densos, em função da sua própria natureza histórica. Os recursos financeiros que o viabilizam, ainda estão sendo obtidos através de anúncios comerciais e a idéia de uma possível assinatura foi descartada temporariamente.

Quanto ao conteúdo propriamente dito, estamos concluindo a pesquisa sobre o Comércio e a Indústria até a primeira década do século XX. A indústria, especialmente, é analisada a partir de suas características principais: utilização de primitivas práticas de fabricação, produção limitada e dirigida ao consumo local com pequeno excedente destinado ao mercado regional. À produção de fumo, sabão, ferro fundido, os principais produtos "exportados", juntam-se os tecidos de algodão, distinguidos já, desde então, pelo bom gosto e perfeição.

Em outubro de 1994, realizamos a mostra "A História da Medicina em Araxá", a pedido da Sociedade de Medicina, e que constou, basicamente, de uma reconstituição fotográfica sobre o tema. A pesquisa que serviu de apoio a essa mostra passa a ser divulgada no Trem da História e destaca principalmente, a questão da salubridade em Araxá no século XIX. A primeira parte, agora publicada, expõe as condições sanitárias da população explorando temas como: a criação de animais domésticos no perímetro urbano, o estado de conservação das ruas, os cemitérios e o abastecimento de água com suas inúmeras implicações.

Poucos araxaenses devem conhecer a história de Alexandre Gondim, mas o fato de ele ser nome de uma das primeiras ruas de Araxá, a primeira por onde passaram os primeiros habitantes em busca das nossas águas minerais indica que foi ele um personagem, cuja atuação nos leva à reflexão histórica.

Outros personagens da nossa história, poderão ser identificados no estudo de outro ramo da Família Montandon, desta vez, com os descendentes de Frederico Augusto Montandon e Josefina Engrácia Femandes.



Cartas dos Leitores

Brasília, 22 de janeiro de 1995

À
Fundação Cultural "Calmon Barreto"
Araxá - MG

"Prezados Senhores,
Parabéns pela gloriosa iniciativa da criação do Boletim Informativo intitulado: "O TREM DA HISTÓRIA".

Na qualidade de um humilde pesquisador da HISTÓRIA DE ARAXÁ, estou anexando os ORIGINAIS dos 12 (doze) "únicos" exemplares do "JORNAL DE ARAXÁ", lançado no dia 12 de julho de 1952 e, lamentavelmente, após 98 páginas com belíssimas reportagens, encerrou suas atividades no dia 24 de dezembro de 1952.

Outrossim, também estou doando um "ÁLBUM" contendo as HISTÓRIAS dos idos anos de 1916 de Araxá e de várias outras Cidades do Triângulo Mineiro, bem como, um livro documentário de quase 50 anos de pesquisas relacionadas com as ÁGUAS MEDICINAIS DE ARAXÁ.

Acredito que estas doações irão preencher uma pequena vaga em um dos inúmeros vagões do TREM DA HISTÓRIA.

Sem outro particular, na esperança de poder contar com os "futuros" exemplares do TREM DA HISTÓRIA, subscrevo-me com a mais alta estima e elevada admiração mui,
Atenciosamente,"

Pedro Jesus Ferreira Silva

Uberlândia, 05 de dezembro de 1994

"Prezada Lygia,
Acusamos o recebimento dos exemplares do Boletim Informativo "O Trem da História", apresentando agradecimentos pela gentileza da atenção.

Conforme o solicitado, estamos providenciando o repasse dos mesmos às cidades de nossa abrangência.

Atenciosamente,
Manuel Andrada Prieto
Assessor Especial - Secretaria Municipal de Cultura
Prefeitura Municipal de Uberlândia"

À Fundação Cultural Calmon Barreto

"É com satisfação que vimos agradecer o precioso trabalho que a Fundação Cultural Calmon Barreto, através do seu setor de Patrimônio Histórico, vem divulgando em seu Boletim informativo as memórias das famílias tradicionais Araxaenses, resgatando assim a história de Araxá. Não há futuro sem passado.

O Trem da História com certeza faz parte da Cultura dos Araxaenses. Em relação a família Montandon com agradecimento de todos os decedentes de BRASÍLINA DE CAMPOS MONTANDON."

Araxá, 09 de janeiro de 1995
José Daguilberto Borges

FUNDAÇÃO CULTURAL
CALMON BARRETO DE ARAXÁ
Praça Arthur Bernardes, 10
Fone: 662-1033 - Ramais 235, 236 e 237
PRESIDÊNCIA:
Lygia Cardoso Maneira
SETOR DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO
Glaura Teixeira Nogueira Lima
Marília Aparecida dos Reis
SUPERVISÃO DE ARQUIVOS
Maria Trindade Coutinho Resende Goulart
SUPERVISÃO DE PESQUISA
Rossina Spinoso Montandon
SUPERVISÃO DE MUSEUS
 Bernadete de Lourdes Rezende Teixeira

O TREM DA HISTÓRIA
EXPEDIENTE
PESQUISA E TEXTO
Glaura Teixeira Nogueira Lima
Maria Trindade Coutinho Resende Goulart
Rossina Spinoso Montandon
JORNALISTA RESPONSÁVEL
Elaine Denise Oliveira (DRT/DF 2089/80)
REVISÃO: Antônia Verçosa
LAY-OUT: Imagem Propaganda

PREFEITURA MUNICIPAL DE
ARAXÁ

VECOL
Vecol - Terraplenagem e Pavimentação Ltda.
Serviços de terraplenagem, pavimentação
asfáltica, meios fios, sarjetas, redes de água
potável, água pluvial e esgoto, drenagens, etc...
Av Amazonas, 695 - CP 133 - Fone: (034) 661-2863 - Araxá

Agradecemos a colaboração de
Eustáquio de Lima
na publicação dessa edição
de "O Trem da História".

R **RODOVIÁRIO** **RODOVIÁRIO**
A **ARAXÁ** **ARAXÁ LTDA.**
Transporte de Cargas em geral
ARAXÁ **SÃO PAULO**
Av. Amazonas, 1840  Rua Ely, 08
Fone: (034) 661-3190 Vila Maria
Fax: (034) 661-3077 Fone: (011) 955-7766

É IMPORTANTE SABER ...

O objetivo principal da conservação de livros e documentos é estender a



sua vida útil. Devemos ter sempre em mente: "conservar para não restaurar".

Para isso, é necessário adotar os seguintes critérios:

- Colocar os livros na estante, na posição vertical, deixando um espaço entre eles para facilitar a retirada dos mesmos.

- Nunca retirar o livro da estante puxando pela borda superior. Este procedimento provoca o enfraquecimento e o conseqüente rompimento da lombada, comprometendo a integridade do livro. O ideal é que se retire o livro da estante, segurando pela parte mediana da encadernação.

- Nunca umedecer os dedos com saliva ou outro líquido qualquer para virar as páginas de um livro ou documento, pois estas podem manchar e desencadear reações ácidas comprometedoras.

- **Para assegurar a sua durabilidade, conservação e fidedignidade não devemos retirar cópias xerox de documentos.**

No caso de fotografias, alguns dos critérios de manuseio e conservação são:

- Não usar fita adesiva, cola ou etiqueta gomada sobre fotografias, frente ou verso, e nem mesmo sobre envelopes que contenham fotografias.

- Não colocar os dedos sobre fotografias ou negativos.

- Não guardar fotografias em ambiente que receba luz solar direta sobre o local onde estão depositadas, em ambiente de calor ou umidade, como sótãos e porões.

Fazendo História

Mostra "Araxá, O Sabor da Tradição"

Pela terceira vez consecutiva, durante os dias de Carnaval, foi realizada a Mostra "Araxá, O Sabor da Tradição" com a exposição e a comercialização de doces artesanais, no Museu Municipal Dona Beja.

Artesanato

Estiveram em Betim, no dia 26 de janeiro, Lygia Cardoso Maneira e funcionários do Setor de Artesanato, da Fundação Cultural Calmon Barreto a fim de conhecerem o processo de tecelagem usado no Salão do Encontro naquela cidade. Viram muita coisa bonita, mas garantem que, em termos de qualidade e beleza os tapetes da Fundação não perdem em nada para os de lá.

Coreto e Anexo da Fundação Cultural Calmon Barreto

Até o final desse ano deverão estar concluídas as obras do Anexo da Fundação e as do Coreto que serão construídos no terreno ao lado do prédio, esquina das ruas da Bandeira e Almeida Campos. No Anexo haverá recepção, loja, sala dos Cursos Livres, oficina de tecelagem, almoxarifado, lavanderia, copa e sanitários. No Coreto, sanitários e espaço para aparelhagem de som.

Dia Internacional da Mulher

Por ocasião das comemorações do Dia Internacional da Mulher, oito de março, a Fundação Cultural Calmon Barreto homenageou uma mulher araxaense, Olívia Fonseca Teixeira.

No Museu Dona Beja, foi montada a exposição "Arte no Sangue, Arte na Memória" com fotos, objetos e mobiliário cedidos pela família da homenageada. Foi uma reconstituição de sua história.

Registro de Doações

Maria Ângela de Azevedo Bittar e suas irmãs Dulce Consuelo de Azevedo Cunha e Marisa Afonso de Azevedo Cardoso doaram à Fundação Cultural Calmon Barreto seis bilros de madeira feitos à mão, amostras de renda e a cartela-modelo de papelão.

Estes objetos perteceram a Alzira Afonso de Castro, esposa de Jau-neval Afonso da Silva (Valico), ambos araxaenses. Ela, exímia rendeira. (1880-1945). Esses objetos, doados pelas netas do casal, serão expostos no Museu Dona Beja.

Dragão Tecidos

▪ *Estoque - Qualidade e Bom preço* ▪

Rua Mariano de Avila, 266
Fone: (034) 661-1050 - Araxá



**GRÁFICA
SANTA ADÉLIA
LTDA.**

Rua Capitão José Porfírio, 145
Telefax: (034) 662-3322

Assunto: Economizar

SEBO - Comércio de Livro Usado

R. Dom José Gaspar, 223
Fone: (034) 661-5869
É filial da Livraria e Papelaria MEC

COMÉRCIO, INDÚSTRIA & Memória

TAXAS E LICENÇAS

Ainda na década de 1890 e de acordo com os registros de contribuintes das "Indústrias e Profissões" existiam em Araxá em torno de 40 estabelecimentos comerciais de "Gênero do país, fazendas, ferragens, secos e molhados, armarinhos e "todos os mais gêneros", além de 2 farmácias, 1 padaria, 1 bilhar, 2 botequins, 2 "mascates turcos", 1 "typographia" (Teixeira Álvares e Cia) e somente um médico registrado (Dr. Eduardo Montandon)".

Existia também apenas um hotel registrado, de José Veríssimo Montandon, apesar de que conhecemos a existência, desde a década de 1880, do Hotel de Romualdo Teixeira França situado no "Largo do Rancho". De acordo com os depoimentos de antigos moradores de Araxá, este lugar ficava ao lado direito da Igreja de São Sebastião no espaço compreendido entre as ruas Dr. Baracuhy, Capitão José Porfírio e Carvalho Lopes, onde os tropeiros reuniam suas tropas de mulas para pernovernarem.

Podemos ter uma boa idéia sobre o quadro geral do comércio e da indústria de Araxá, no final do século passado através das tabelas fixadas para a concessão das licenças de funcionamento das casas comerciais.

O preço de uma licença "...para abrir ou conservar aberta casa de negócios em que se vendem gêneros nacionais, estrangeiros e gêneros alimentícios..." era de 250 mil réis.

Para os estabelecimentos que vendessem gêneros alimentícios em pequena escala o imposto era de 50 mil réis.

Porém, tanto os de grande como os de pequeno porte, que além dos gêneros alimentícios, ferragens, molhados e tecidos nacionais, vendessem também aguardente e fumo deveriam pagar mais uma taxa de 10 mil réis por cada um destes itens.

As demais taxas eram as seguintes:

Para o funcionamento de "Typographies" o imposto era de 50 mil réis.

Para boticas 150 mil réis.

Para fabricação de bebida espirituosa 30 mil réis.

Para padaria 20 mil réis.

Para dentista, fotógrafos e relojoeiros 30 mil réis.

Para botequins 30 mil réis.

Para bilhares 80 mil réis.

Para os espetáculos públicos, se fossem dramáticos, 10 mil réis.

Para os mascates de fazendas, ferragens, armarinhos em canastras, baús e caixas portáteis, 30 mil réis.

Os hotéis 50 mil réis.

Para os mascates de relógios 30 mil réis, de ouro nacional 20 mil réis, de ouro importado 50 mil réis.

As taxas para os engenhos de cana ou moendas de ferro movidos a água eram de 80 mil réis se fabricassem aguardente, ou 40 mil réis para os que não a produzissem.

Se fossem movidos pela força animal as taxas eram de 50 mil réis para os primeiros e 25 mil réis para os segundos.

Estas licenças deviam ser solicitadas à presidência da Câmara nas épocas determinadas pela lei.

A IMIGRAÇÃO

O quadro econômico de Araxá, na primeira década do século XX, não sofreu alterações sensíveis, mesmo com a chegada, desde a década de 1890, de um pequeno número de imigrantes italianos e um bom número de imigrantes de origem árabe.

Alguns italianos se estabeleceram nos ramos da alimentação contribuindo, certamente, para algumas mudanças e para a diversificação dos hábitos alimentares. Outros, no ramo da construção promoveram a implantação de novos padrões na arquitetura local.

Os imigrantes árabes por sua vez, nesta primeira fase, dedicavam-se em sua maioria ao comércio ambulante o que motivou que, em 1910, os comerciantes estabelecidos que viam suas vendas "atravessadas" pela "inundação de mascates em todo o município", sentindo-se tratados de forma desigual, solicitassem à Câmara Municipal a "elevação dos direitos pela licença concedida para mascateação". De fato, como já tínhamos mencionado anteriormente as tabelas para o comércio ambulante eram menores que as do comércio estabelecido.

É interessante observar que nas relações de comerciantes de 1906-1907 apenas 3 mascates são registrados, porém nenhum de filiação "turca" como eram classificados os árabes na época.

Entretanto a presença dos imigrantes de origem árabe, como fator de fortalecimento e renovação no comércio local, só começa a sentir-se de forma marcante, a partir da década de 1920, quando a maioria já se tinha integrado e tomado conta do comércio local.

A INDÚSTRIA

Não existem em nossos arquivos registros suficientes que permitam traçar um perfil completo da indústria local, no século passado, porque, ao que tudo indica, não era uma atividade que merecesse maiores atenções. Não podemos ignorar a falta de interesse demonstrada quando na década de 1830 o governo cogitou a possibilidade de estabelecer na região mão-de-obra e artífices estrangeiros, chegando a pedir informações a este respeito.

AS LEIS

Se por um lado estas possibilidades eram, com frequência, ignoradas, por outro algumas leis criadas com o objetivo de estimular a atividade industrial eram invalidadas e distorcidas na prática.

De acordo com uma lei de 1838, todo inventor ou descobridor, ou aquele que aperfeiçoasse

alguma descoberta ou invenção teria assegurado o seu uso e a propriedade exclusiva de qualquer indústria. Este direito, na prática, era substituído por um privilégio ou concessão que, precisava ser previamente submetido à aprovação do poder legislativo demorando-se ou até perdendo-se, muitas vezes, nos meandros da burocracia imperial. Considerando que tal situação inibia a iniciativa e a criatividade "...não existindo... nenhum mérito em fazer conhecidas... qualquer indústria ou descoberta cujo propagador ou introdutor se torna simples intermediário, dadas as facilidades de comunicação com os países estrangeiros..." a presidência da província pedia à Câmara Municipal de Araxá que tornasse pública, a fim de melhor informar os cidadãos, a lei de 1838 que garantia os seus direitos em tais circunstâncias. Diante da vocação e da tradição eminentemente agropastoril do povo de Araxá, nenhum efeito ou resposta a estas tentativas de estimular a atividade industrial foram manifestadas.

Em 1844, segundo um levantamento feito para responder a uma portaria do governo provincial que solicitava dados sobre a produção industrial e mineral do município, as autoridades informavam que, embora possuindo terras minerais, não existia no município nenhuma fábrica estabelecida.

A INDÚSTRIA TÊXTIL

Ainda que Saint-Adolphe se referisse a Araxá como produtora de fumo, queijo e tecidos que eram exportados para as regiões vizinhas, não podemos falar numa verdadeira indústria têxtil em Araxá.

Isto é confirmado em um relatório que uma comissão da Câmara enviou ao governo provincial em 1845, onde se afirma "...que em diferentes ramos da indústria o que mais louvor merece é o fabrico de panos riscados de algodão cujo trabalho muitas senhoras se diferenciam em gosto e perfeição, e dobrada vantagem poderião adquirir se possuíssem instruções e máquinas que ajudassem a raridade de suas habilidades...".

Segundo o mesmo relatório, apesar de a produção ser limitada era suficiente para atender o consumo local sobrando, ainda, um pouco para se exportar a diferentes lugares. Entretanto, na década de 1870, o quadro da indústria têxtil em Araxá, permanecia inalterado e mesmo mantendo o renome em relação aos seus tecidos, estes continuavam sendo produzidos seguindo as técnicas tradicionais nos teares domésticos.

Por isso, quando o secretário dos negócios da marinha solicitou amostras dos produtos das fábricas de tecidos para possível fornecimento à marinha, as autoridades locais foram obrigadas a responder que, embora se fabricassem neste município excelentes tecidos de algodão, não seria possível satisfazer qualquer encomenda do exército por não existirem fábricas montadas.

COMÉRCIO, INDÚSTRIA & Memória

AS DIFICULDADES

Em 1873 as autoridades municipais declinaram o convite feito aos araxaenses de incluir seus produtos na delegação que representaria o Brasil na Exposição Universal de Viena, "por falta de meios de remessa", provocados pela ausência de vias de comunicação.

Mesmo não sendo possível a participação dos produtos de Araxá na mencionada exposição internacional, existiam algumas pessoas que não se deixavam intimidar pelas dificuldades. No mesmo ano (1873) a Câmara Municipal foi notificada que o júri da exposição industrial mineira tinha conferido a D. Francisca de Paula e Silva, esposa do Cap. Elias Antonio de Ávila, o diploma e medalha de prata pela qualidade de seus produtos. (Infelizmente não se menciona, em nenhum momento, que tipo de produtos foram estes que mereceram tal premiação), porém, diante do que temos visto podiam muito bem tratar-se de têxteis.

INDÚSTRIA DA CANA

A produção industrial em Araxá, na verdade nunca ultrapassou o âmbito familiar, ficando confinada principalmente nas fazendas. Eram nas fazendas que se produziam, nos engenhos e alambiques domésticos, rapadura, açúcar e aguardente, essenciais na dieta dos araxaenses e por isso inevitáveis em qualquer venda ou "casa de negócios" de Araxá, no século XIX.

Por volta de 1844, existiram em Araxá, 5 engenhos de moer cana e 7 de serrar madeira,

além de inúmeros moinhos e monjolos movidos à água. A água era, na época, o principal recurso utilizado para movimentar a indústria doméstica.

Mesmo artesanal, a produção industrial estava sujeita ao pagamento de impostos e foi através das listas de contribuintes que ficamos sabendo que, na década de 1890, existiam no distrito de Araxá 10 "fábricas" de rapadura e aguardente e 22 de açúcar e aguardente. Também são registrados 51 oficinas sem especificar-se de que tipo e 3 serrarias.

OUTROS PRODUTOS

Não obstante o potencial das rochas para a industrialização de vidros e o das águas minerais para a fabricação de produtos cosméticos terem sido apontados em 1890 pelo Conselheiro Caminhoá, em seu estudo sobre as águas minerais, não encontramos registros de nenhuma iniciativa neste sentido. Segundo o autor, a utilização das águas na fabricação do sabão caseiro já era, de longa data, comum entre os araxaenses.

Havia notícias da existência de uma pequena fábrica de ferro fundido nas proximidades do Barro Alto de propriedade de Antônio Pereira Guimarães, porém, nenhuma prova documental foi localizada. Pelas referências nos arquivos cartoriais e pelo parentesco dos proprietários acreditamos tratar-se da mesma fábrica que Antônio Pereira de Resende mantinha por volta de 1908 no Barro Alto, "no lugar denominado Sobra do Medeiros...".

Finalmente descobrimos, através de depoimentos que a Rua Soca Tabaco (atual

Herculano Batista) devia este nome à existência, nas suas vizinhanças, de uma pequena fábrica de fumo. O fumo estava entre os principais produtos exportados por Araxá até as primeiras décadas deste século. "...o tabaco ou fumo do Araxá é dos afamados...". Se existiu algum tipo de fábrica ou indústria em Araxá, a falta de registros indica que sua presença não provocou nenhum impacto ou modificação na economia nem revolucionou as primitivas práticas industriais. Assim, pois, estas são, até os primeiros anos do século XX, todas as referências que conseguimos sobre a atividade industrial em Araxá.

Fontes:

BIBLIOGRÁFICAS:

- 1) Saint-Adolphe, J.C.R. Milliet de *Dicionário Geográfico, Histórico e Descritivo do Império do Brasil*. Paris, Aillaud, 1845. T.I.p. 78/9.
- 2) Saint-Hilaire, Auguste de. *Viagem às nascentes do Rio São Francisco*, tradução de Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1975.
- 3) Capri, Roberto. *Álbum dos municípios mineiros*. São Paulo, Est. Graphico Pocaí & Cia. 1916.

DOCUMENTAIS:

- Arquivos cartoriais:
- 1) Arquivos dos Cartórios dos 1º e 2º ofício de Notas de Araxá. Período de 1824-1908.
 - 2) Arquivos do Cartório Judiciário (Secretaria da 1ª vara) Caixas de 1 a 109 que compreendem ao período de 1798 a 1880.
 - 3) Arquivo da Câmara Municipal de Araxá e Prefeitura.
 - 4) Arquivos do Setor de Patrimônio Histórico da Fundação Cultural Calmon Barreto e do Museu Municipal Dona Beja.
 - 5) Arquivo da Família Aguiar.

Relação de comerciantes elaborada a partir de notas, papel timbrado, listas de compras e referências nos Arquivos Cartoriais, particulares e deste Setor de Patrimônio Histórico. Observe-se que em algumas décadas esta relação não coincide com as listas de contribuintes da Câmara Municipal, ou por encontrar-se estas listas com frequência desatualizadas, ou porque em muitos casos, os próprios comerciantes agiam sem o registro.

Década de 1830

- Antonio da Costa Pereira
- João Damasceno Machado
- João Correia da Sª Júnior
- José Silvério de Oliveira (farmaceutico)
- Antonio Manoel d'Apresentação (negociante principiante)
- Carvalho, Barreto & Cia.

Década de 1840

- João Damasceno Machado & Irmãos
- Antonio Manoel d'Apresentação
- José Mª da Purificação
- Antonio Joaquim de Menezes
- Columbano Francisco de Assis
- Antonio Ferreira de Carvalho
- Candido José de Figueiredo
- Balduino Corrª da Silva
- Candido de Faria Lobato
- Antonio Augusto de Mello
- Joaquim Corrª da Silva Júnior

Década de 1850

- José Silvério de Oliveira
- João Damasceno Machado & Irmãos
- Apresentação & Resende (1º papel timbrado)
- José Machado de Moraes e Castro Cª.
- Casa Veríssimo Antonio Barbosa Cª.
- Pedro Amado de São Paulo
- Joaquim Silvério Pereira & Cia.

Década de 1860

- Apresentação & Resende
- João da Porcina Machado

- Antonio Rodrigues Flor
- Manoel Joaquim da Costa & Cia (Rua das Geraes)
- Dr. Eduardo Montandon ("botica")
- Custódio Rodrigues de Resende
- Carlos Damasceno Machado
- Francisco de Paula Júnior
- Costa & Apresentação (Rua das Geraes, ao pé do Largo da Matriz)
- Miguel Francisco da Costa & Cia. (Farmácia)
- Antonio Rodrigues Ribeiro (Falencia em 1865)
- Vicente Ferreira Ribeiro Goyano (Rua Santa Rita)
- Candido José Dias
- Mª Romana da Conceição
- Pedro Roiz de Miranda Chaves & Cia.
- Antonio Augusto de Toledo & Irmãos (largo da Cadeia)
- Mª Honória da Conceição
- João Pereira da Roxa e Manoel Procopio
- Antonio Joaquim de Menezes
- Firmino Silvestre de Oliveira
- Jerônimo Antonio Marins
- Joaquim de Paula Machado
- José Januário de Menezes
- José Porfirio Alvarez Machado
- Joaquim Ribeiro da Silva
- Pedro Afonso de Toledo
- Salviano de Paula Barreto (Rua Sta. Rita)
- Pedro Afonso de Almeida
- Antonio Manoel d'Apresentação
- Machado & Irmãos
- Joaquim Bernardino Pinto da Fonseca

- Romualdo Teixeira França & Cia.
- Pedro Roiz de Miranda Chaves & Cia.
- Apresentação & Resende
- Antonio Manoel d'Apresentação
- Joaquim Jorge Teixeira
- Machado & Irmão
- Candido Maximiano Rodrigues & Irmãos
- Botelho Sobrinho & Azevedo
- Almeida & Irmãos
- Antonio Jacintho Ribeiro Mendes ("um boteco na rua do Soca")
- Terencio José Ferreira

- Sancho de Fretas Mourão

Década de 1890

- Bananal Irmão & Cia. (Largo da Matriz)
- Araujo Irmão & Cia.
- Gustavo Cardoso de Menezes
- Elias Antonio Roza
- Manoel Joaquim da Costa & Cia. (Sucessores de Araujo & Irmão e Cia. - "A Barateza")
- Manoel José Rodrigues Neca (Largo de S. Sebastião)
- Izidro Ferreira dos Santos ("A Loja Moderna")
- Joaquim Porfirio Alvarez Machado ("Ao Bazar Araxaense" - Largo da Matriz)
- Afonso & Afonseca (A Estrela do Oriente - Largo da Matriz)
- Antonio Ribeiro da Silva Botelho (A nova casa da Barateza - Rua da Boa Vista)
- Horacio Carvalho & Cia. (Cidade do Araxá - Largo da Matriz)
- Pharmacia São Miguel

Década de 1880

- José Velloso de Resende & Policarpo Mendes Ribeiro (Velloso & Ribeiro))
- Terencio José Ferreira
- Joaquim Correia de Araujo
- Augusto Teixeira Alvares
- Romualdo Teixeira França (Hotel no Largo do Rancho)
- Caetano & Cabral (Loja da Barateza)
- Joaquim Jorge & Cia. (Casa Comercial ...)
- Joaquim Machado de Moraes & Irmãos
- Francisco de Paula Amado
- Antonio Gonçalves Boaventura Neto
- Antonio Jacintho Ribeiro Mendes ("Laboratório Pharmaceutico" - Esquina da Rua das Flores)
- Antonio Ribeiro da Silva Botelho (Casa da Barateza, Largo da Matriz)
- Antonio Ferreira Ribeiro (Pharmácia São Miguel - Rua Direita nº 13)
- Francisco dos Santos Velloso (Loja do Guarany - Rua Santa Rita esquina com Rua Direita)
- Botelho & Machado (Casa Comercial - Largo da Matriz)

Década de 1900

- José Afonso de Almeida (lojas em Sacramento e em Araxá)
- Izidro Ferreira dos Santos (Casa de Sobrado no Largo da Matriz)
- Limirio Afonso de Almeida (Casa da Barateza)
- J. Salomão & Filho (Casa Iracema)
- Augusto Frederico Montandon & Cia. (Casa em Araxá e Conceição)
- Barbosa & Irmão (Casa Iracema)
- Frode Sobrinho & Cia. (Pharmacia Popular)
- Santos & Irmãos (fundada em 1908)

Araxá no Século XIX

A SAÚDE

Apresentação

Quando começamos esta pesquisa sobre a salubridade em Araxá no século XIX, decidimos dividi-la em três partes.

A primeira parte apresenta uma visão das condições sanitárias de Araxá, especialmente daqueles setores que, pela sua situação crítica, mais comprometiam a saúde da população.

Começamos, portanto, com a criação de animais domésticos dentro do perímetro urbano e sua relação direta com o mal estado das ruas, com os cemitérios e com o abastecimento de água. Numa próxima fase apresentaremos estudos sobre o abatedouro público, sistema de esgotos, mercado municipal, de forma que cada um destes itens possa ser estudado e publicado separadamente.

A outra parte de nossa pesquisa diz respeito à saúde propriamente dita, ou melhor, à falta de saúde da população, enfocando as doenças mais frequentes, as epidemias e as medidas imunológicas já praticadas na época como as primeiras campanhas de vacinação.

Consiste esta segunda parte em uma recompilação das referências documentais sobre o tema, sem descrevermos detalhadamente tanto as doenças como os tratamentos usados na época, já que para isto seria necessário pesquisa bem mais ampla e demorada. Teriam que ser consultados antigos tratados de medicina e ouvidos profissionais da área, para torná-los compreensíveis a todos nós.

Nosso objetivo não é defender nenhuma tese, mas apenas oferecer aos leitores do Trem da História uma idéia das condições de vida dos araxaenses no século XIX. Esperamos, através deste trabalho, conseguir atingi-lo.

Na terceira parte abordamos o trabalho dos médicos e práticos de medicina que exerceram sua profissão em Araxá, anexando a relação dos mesmos, as entidades médicas e as instituições hospitalares que existiram no passado e as que sobrevivem até nossos dias: Santa Casa de Misericórdia, Hospital São Marcos, Hospital Dom Bosco e a Sociedade de Medicina e Cirurgia de Araxá**. (*Ver TH n° 11 e 12)

(** Ver quadro demonstrativo da saúde - próxima edição).

Gostaríamos de esclarecer mais uma vez que nossas pesquisas, por uma série de limitações não só de caráter financeiro como de tempo e de material humano, restringem-se à documentação passível de ser consultada nos arquivos da cidade.

Mentalidade

Correndo o risco de simplificar demais, distinguimos entre os inúmeros fatores que impediam o desenvolvimento da salubridade em Araxá, no século XIX, o desconhecimento generalizado de práticas de assepsia e de higiene consideradas elementares na atualidade e a dificuldade na adoção e difusão das medidas preventivas e de imunização já conhecidas na época.

Estas dificuldades eram provocadas, entre outras coisas, pelo isolamento em que o péssimo estado do sistema viário e de comunicações colocava as vilas e povoados, agravado pelas distâncias enormes de um país com as dimensões do Brasil.

A tudo isto, podemos somar a desconfiança da população que se mostrava extremamente relutante em aceitá-las.

A própria mentalidade da época não concedia muito espaço a conceitos de civismo e coletividade, tornando difícil para os "araxanos" perceber o significado de expressões como "bem comum" e "interesse público" em seu real valor.

Assim, as pessoas viviam cada uma por si, sem atentar para a necessidade da conservação e manutenção daqueles serviços públicos que, mesmo encontrando-se em estágios bem primitivos, poderiam ajudar a facilitar a vida e a melhorar as condições de saúde da população geral. Juntavam-se ainda a ignorância e o descaso das autoridades locais que não mostravam muita agilidade nem habilidade em criar e aplicar medidas que orientassem a vida e as atividades da população.

Finalmente podemos afirmar que as precárias condições de saúde, não eram exclusivamente dos "araxanos", como eram chamados os habitantes de Araxá, mas apenas um reflexo da que vigorava no país todo.

Isto se tornava bem patente durante as epidemias

prejuízos que as criações causavam, aumentando os "pântanos" (que a falta de calçamento das ruas favorecia ainda mais) e escavando as beiradas dos regos que abasteciam de água a vila.

As Multas

Em 1847, foram sugeridas multas pesadas para os donos dos animais que fossem pegos soltos nas ruas, dobrando-se o valor para os reincidentes.

Porém, o desprezo dos criadores por estas medidas de advertência fez com que três anos depois (1851), fossem aprovadas medidas bem mais drásticas, como a formação de patrulhas para percorrerem as ruas matando todos os cães (à exceção dos perdigueiros e veadeiros), cabritos e porcos que fossem encontrados soltos.

A rebeldia dos criadores em aceitar e submeter-se a qualquer tipo de controle sobre suas atividades continuava sendo, sem dúvida, o motivo para que dez anos depois, a Câmara Municipal continuasse ainda se ocupando deste problema, aparentemente, tão banal.

Por este motivo, em 1858, mais uma vez se divulgaram os artigos da lei que regulamentava a criação de porcos e cães, instituindo o produto das multas para as obras do cemitério da Igreja Matriz.

Fazendo um aparte que consideramos pertinente, observamos que ao se excluírem os cães perdigueiros e veadeiros do controle da lei, estava-se protegendo uma das práticas mais apreciadas dos moradores da região, a caça, que transformava os cães, principais instrumentos deste esporte, nas estrelas, não só das fazendas



Serviço de canalização de água na Rua Imbiacã. Administração Álvaro Cardoso (1940-1941). (Arquivo SPH/FCCB). Autor: Parateca

que, de tempos em tempos, assolavam Araxá e que, na maioria das vezes, eram "importadas" dos grandes centros populacionais.

Os Costumes

Araxá começou a trilhar os caminhos do turismo no final do século passado, "vendendo saúde" através das águas minerais do Barreiro. Entretanto as condições sanitárias da cidade e a saúde da sua própria gente não eram das melhores.

Se fizermos uma retrospectiva, observaremos que desde a década de 1830, quando começamos a ter alguns registros, até as primeiras décadas do século XX o crescimento material de Araxá não carregou consigo melhoras significativas nos hábitos e costumes nocivos à saúde e nem uma melhora nas condições sanitárias da cidade.

Um dos costumes mais arraigados entre o povo, porém extremamente daninho à saúde e com o qual Araxá conviveu ao longo de sua história até dias não muito distantes, era o da criação dos animais domésticos, soltos nas ruas.

Cães, porcos e cabras vagavam livremente pela vila e depois cidade sem que lei nenhuma conseguisse coibir este nocivo costume dos moradores que faziam das ruas a extensão dos seus quintais, transformando Araxá em uma verdadeira pocilga.

Por volta de 1844 a situação era tal que na sessão da Câmara de 4 de fevereiro foram discutidas longamente as providências a serem tomadas para resolver o problema das ruas, que além de se encontrarem intransitáveis desde o largo da Matriz até as entradas da vila, se achavam "entulhadas de lamaçais de porcos ...".

Nos anos seguintes em diversas ocasiões, vereadores se manifestaram sobre o desleixo em que a vila se encontrava. Além de padecer com as inundações no tempo das chuvas, padecia com os

como das próprias famílias.

O Traçado Urbano

A despeito dos maus hábitos dos moradores, a vila continuava crescendo se bem que de forma desordenada, sendo elevada à cidade em 1865.

Até aproximadamente 1870 o traçado urbano da cidade, vinha-se formando sem nenhum critério, nem controle, atendendo apenas à vontade e conveniência dos moradores.

Eram frequentes o fechamento de becos que os vizinhos incorporavam a seus quintais, assim como a abertura de passagens através de terrenos particulares. Acreditamos que algumas ruas surgiram desta forma. Era freqüente também o requerimento de terrenos devolutos para a construção de moradas dentro do perímetro urbano e, durante décadas, as ruas receberam o nome dos seus moradores mais conhecidos.

Foi só em 1870 que começaram a esboçar-se algumas medidas tendentes a disciplinar e organizar a ocupação territorial urbana.

Deliberou-se então, sobre a necessidade de se numerarem as casas e de se dar denominação oficial às ruas e, assim, receberam seus nomes as ruas Boa Vista e das Flores. Ordenou-se a abertura de alguns becos como o do Bota Fogo (atual rua Limirio Afonso) que tinha sido anexado por Francisco José da Costa ao seu quintal, por considerá-lo sem nenhuma utilidade pública.

Aprovou-se, também, a abertura de ruas como a que "sobe de São Sebastião até o cemitério" para facilitar o trânsito público, e abriram-se licitações para o calçamento de outras, assim como para a construção das pontes do Córrego de Santa Rita e do Felipe.

Araxá no Século XIX

A SAÚDE

O Velho Problema

Entretanto, se as disposições administrativas passavam por um período fértil, o conhecido e velho problema das criações nas ruas e do estabelecimento dos chiqueiros na frente das mesmas não estava resolvido, já que os criadores insistiam em contrariar a lei, atormentando o resto da população... "entulhando as ruas do trânsito público dando milho às suas criações criando por esta forma lamaceiros que neste tempo chuvoso (janeiro de 1870) as águas estagnadas podem trazer enfermidades para a população...".

É surpreendente a persistência dos criadores que chegaram a encaminhar uma carta às autoridades requerendo em 1870, a revogação da lei que proibia a criação de porcos nos quintais e que levou ao arrombamento, em 1872, do curral público onde eram recolhidos os animais apreendidos.

Em 1874 uma denúncia atentava para o grande número de quintais que permaneciam abertos, sem cercas ou muros e para o perigo que representava para a saúde a freqüência com que os animais que invadiam os quintais caíam dentro das cisternas com que se abasteciam de água as residências. Assim a população foi intimidada, desta vez, a cercar os quintais e a manter as cisternas cobertas.

Poderíamos continuar citando as inúmeras ocorrências que a este respeito foram registradas nos arquivos, correndo o risco de ficarmos repetitivos já que a atitude dos criadores assim como os hábitos de higiene da população não sofreram grandes modificações até, pelo menos, as primeiras décadas do século XX, quando encerramos esta primeira parte de nossa pesquisa.

A Imprensa

Entre 1913-1917, o Correio de Araxá em diferentes matérias, sustentou que boa parte das doenças "do quadro nosológico de Araxá" desapareceriam com a adoção de simples medidas de higiene e que, já que a Prefeitura se mostrava incapaz de implementar as de maior porte, poderia estimular, entre a população, medidas simples como a da construção de fossas sépticas nas residências que suprissem a falta de uma rede de esgotos. Insistia em denunciar o já antigo costume de se ter chiqueiros nos quintais, assim como constatava a falta de recursos das moradas que, em sua grande maioria, não possuíam sequer instalações sanitárias.

Os Cemitérios

Durante muito tempo no passado, os cemitérios constituíram uma grave ameaça à saúde da população.

Era costume, na época, o sepultamento dos cadáveres no solo das igrejas ou a localização dos cemitérios nos terrenos anexos nas laterais e nos fundos das mesmas.

Em Araxá, este costume questionável era agravado pelas precárias condições em que tais sepultamentos eram realizados, fazendo dos cemitérios focos de doenças e epidemias.

Uma carta de João Carneiro de Mendonça enviada à Câmara Municipal em 1836 ilustra perfeitamente o perigo que eles representavam para a salubridade. Queixava-se o cidadão de que morando numa casa-sobrado situada ao lado esquerdo da Igreja Matriz, presenciava diariamente o sepultamento dos cadáveres em covas rasas no cemitério dos fundos, a apenas "20 palmos" da sua janela. Os porcos e cães que eram criados soltos nas ruas, ao revirarem a terra do cemitério, desenterravam os cadáveres em decomposição produzindo, além da "fedentina insuportável" de que este vizinho reclamava, cenas de horror que nós mesmos podemos imaginar.

Terminava sua carta solicitando das autoridades medidas urgentes para resolver este problema.

Doação de Terreno

Não temos registros de providências a este respeito, porém se algumas foram adotadas não produziram nenhum resultado ou mudança de situação, já que, em 1852, o vigário da Paróquia dirigiu um requerimento às autoridades pedindo que fosse demarcado urgentemente um terreno para o Cemitério.

Argumentava o vigário que, por estar em obras de reparação, os sepultamentos não poderiam ser realizados na Matriz sob perigo de "empestar" os operários que nela trabalhavam.

No dia seguinte a 10 de julho D. Emerenciana M. de Mesquita fez doação "a São Domingos" de um terreno para a criação do cemitério.

O local, de acordo com o documento, foi considerado apropriado por estar localizado em um lugar elevado e a boa distância, ao lado direito da Igreja de São Sebastião.

Mesmo com o terreno doado, a dificuldade para a construção do muro para cercar o cemitério constituiria um capítulo à parte que ocuparia durante anos boa parte das sessões da Câmara.

Um outro Cemitério estava localizado nos fundos da Igreja de São Sebastião e mesmo não tendo referências sobre episódios como o mencionado anteriormente, as condições em que se realizavam os sepultamentos não deveriam ser muito diferentes, sem falar na inconveniência que representava a existência de um cemitério rodeado por residências. Não encontramos ainda a data em que ocorreu a desativação do Cemitério da Matriz, mas, o Cemitério de São Sebastião foi desativado pela lei 107 de 21 de janeiro de 1899 por resolução da Câmara Municipal de Araxá.

- O ABASTECIMENTO DE ÁGUA -

Os Limites da Vila

Em 1835 a comissão encarregada de demarcar os limites territoriais da Vila de Araxá para o controle da cobrança dos impostos sobre os prédios urbanos e sobre os escravos, estabeleceu que estes limites iam desde a barra do Córrego Lavapês seguindo pelo Córrego denominado de Manoel Al. da S^a até a barra do Córrego Felipe. Seguindo por este acima incluíam o Hospício e as casas que ficavam na parte de cima do rego público da vila, seguindo por este adiante "...até as casas de Candido Ferreira, morador no Córrego Lavapês..." e seguindo por este abaixo até a barra.

Sendo Araxá, praticamente, um ilha fluvial circundada pelos córregos mencionados, era de se supor que o abastecimento de água estivesse garantido a seus habitantes, sem se constituir no problema crônico com que tiveram que conviver ao longo de sua história.

Na realidade as águas em si nunca foram problema já que as havia em abundância. O problema, mais uma vez, residia no fator humano.

Um assunto que sempre esteve em pauta nas sessões da Câmara Municipal, desde sua instalação, era o uso indiscriminado que os moradores faziam das águas do córrego da "servidão pública" assim como os problemas relativos à sua conservação e limpeza.

A ocorrência de irregularidades como construção de casas e criações de animais domésticos próximos às nascentes e às margens dos córregos comprometiam seriamente a limpeza da água e se tornaram tão freqüentes que, em 1843, foi decidida a nomeação de um fiscal encarregado especificamente da vigilância e manutenção dos córregos, assim como do controle e registro dos anéis de água que abasteciam as residências particulares.

Entretanto, esta providência se mostrou, na maior parte das vezes, ineficiente não só pelo tamanho da tarefa, como também pelas ameaças e até subornos de que o fiscal era objeto.

Eram tantas e tão freqüentes as denúncias das irregularidades cometidas contra o interesse e o patrimônio público em geral, que vêm reforçar a nossa impressão de que até aproximadamente a metade do século XIX vivia-se em Araxá em um clima de semi-anarquia.

ressentia-se a vila de uma falta de civilidade por parte dos seus habitantes, reforçada também pela falta de atitudes mais enérgicas das autoridades que permitiam que as pessoas agissem e se servissem à vontade, sem a mínima consciência ou preocupação pelos interesses sociais.

Entre os inúmeros e mais sintomáticos casos que nos realfirmam isto, citamos apenas dois: o do cidadão, que (em 1858) se queixava, em uma representação enviada à Câmara, dos prejuízos que as enxurradas causavam à rua onde morava (numa das entradas da cidade) provocada pela negativa de um outro morador em permitir a passagem, pelas suas propriedades, de um canal para o esgoto e retenção das águas e lama das enxurradas. Um outro requerimento (em 1859), podia medidas urgentes por parte das autoridades para desobstruir uma das vias de acesso à cidade que se encontrava com o trânsito impedido devido a pedras que um outro morador (João Alves Moreira) tinha arrancado da beira do córrego Santa Rita deixando-as amontoadas no meio da rua.

Os Canais

Quanto ao problema específico das águas, encontramos em um relatório elaborado pelo fiscal do município em 1843 (sobre as condições da vila após os turbulentos acontecimentos do ano anterior) uma observação sobre a generosidade da natureza que oferecia aos araxaenses águas fartas e cristalinas que não podiam ser aproveitadas por estarem entupidos (com a terra que as chuvas carregavam dos montes) os canais que conduziam as águas à vila. Recomendava ainda a cobrança de multas, impostos e "fianças quebradas" para a realização das obras de desobstrução caso os cofres municipais não fossem suficientes para seu financiamento.

Em um relatório de 1845 o fiscal da época constatava a existência de 40 canais particulares que serviam água a apenas 151 pessoas. Da relação dos nomes dos beneficiários mencionamos apenas a título de curiosidade o de Anna Jacintha, Dona Beja. Cada uma destas pessoas, sem obedecer a nenhum critério "puxava" um ou mais canais para seu consumo particular, ficando o "privilegio" de consumir as águas mais limpas restrito àqueles cujos canais eram mais próximos à fonte.

1ª Regulamentação

Diante desta situação a Câmara resolveu finalmente tentar regulamentar o uso das águas públicas. Entre as primeiras medidas adotadas estavam o estabelecimento de quotas ou taxas graduadas pela ordem maior, menor ou mínimo sobre aqueles que se serviam da água mais pura, sobre os que ocupavam uma extensão maior de terreno e sobre aqueles a quem a água chegava por último. Todos eram igualmente responsabilizados pela conservação e limpeza dos regos.

Foram ainda estipuladas multas e penas de prisão para os que falsificassem ou roubassem os registros. Mais uma vez constatou-se que nem leis, multas ou prisão, conseguiram pôr fim ou pelo menos frear os abusos e o uso indiscriminado das águas na Vila de Araxá.

Em 1869 considerando que o abastecimento se encontrava seriamente ameaçado, as autoridades nomeiam uma comissão para investigar as denúncias de que algumas pessoas estariam se apropriando e destruindo as matas próximas às nascentes. Nenhuma providência deve ter surgido disto, já que três anos depois o fiscal das águas pediu demissão por considerar a sua tarefa de proteger as águas públicas prejudicada pela "insubordinação dos povos e o desleixo das autoridades".

(continua na próxima edição)

Fontes:

- Arquivos da Secretaria de Juízo da 1ª vara.
- Arquivos do Cartório de Notas do 1º ofício.
- Arquivos da Câmara Municipal de Araxá.
- Arquivos do Setor de Patrimônio Histórico da FCCB.
- Arquivos da Santa Casa (Livros de Atas).

Bibliografia

- Carvalho, Horácio. *Album de Araxá*. São Paulo. Typografia Gutenberg, 1928.
- Capri, Roberto. *Minas Gerais e seus municípios*. São Paulo. Toca Weiss & Comp. 1916.

QUEM FOI QUEM

Alexandre Gondim

Alexandre Rodrigues Gondim nasceu e foi batizado na Freguesia de São Mamedes (...) bispado de Braga, Portugal. Era filho de Custódio Rodrigues e Maria da Costa. Desconhecemos a data do seu nascimento e a de sua vinda para o Brasil, porém sabemos que morava em São Bento do Tamanduá (Itapecerica). Aos 23 anos mudou-se para o Julgado de Nossa Senhora do Desterro do Desemboque do Rio das Velhas (Desemboque, distrito de Sacramento).

Foi casado com D. Anna Maria com quem teve 7 filhos dos quais sobreviveram apenas quatro: João, Alexandre, José e Anna, que moravam com a mãe na vila de São José. Com Mariana Preta Angola teve 7 filhos: Genoveva, João, José, Manoel, Francisco, Ana e Maria, que foram incluídos no seu testamento como herdeiros.

Apesar da numerosa descendência, chama a atenção o fato de "Gondim" não ser hoje um sobrenome comum em Araxá assim como o são os sobrenomes de muitos dos pioneiros que iniciaram a sua formação social.

Alexandre Gondim foi dono de um Sesmaria de três léguas de comprimento por uma légua de largura nas margens do Rio dos Dourados.

Em sociedade com outras pessoas adquiriu outras duas das mesmas dimensões na mesma região dos Dourados nas margens do Rio Paranaíba.

Em Araxá, possuía também terras na Bocaina e na Sesmaria do Barreiro e foi em terrenos de sua propriedade, nesta última sesmaria, que foi fundada a nossa cidade.

Estes terrenos teriam sido doados à Igreja Matriz de São Domingos constituindo-se em patrimônio da Diocese.

De fato, no Cartório de 1º ofício de Araxá, existe uma escritura lavrada em 1908 através da qual a Igreja Matriz de São Domingos arrendava pelo prazo de nove anos (a partir de 1º de janeiro de 1909) e prorrogável por mais nove anos, os terrenos de sua propriedade onde tinha sido edificada a cidade. Além de diversas condições, estipulava-se o preço anual de um conto de réis pelo arrendamento divididos em duas parcelas semestrais.

Mais tarde, na década de 1940, a Diocese fez doação à Santa Casa de Misericórdia de Araxá de um terreno de 22.500 m² para a construção de um novo hospital (ver Trem da História nº 12). Este terreno fazia parte do patrimônio que teria sido doado à Diocese por Alexandre Gondim.

Curiosamente, o próprio Alexandre Gondim, em seu testamento, não faz menção à dita doação, declarando apenas ter sido dono de umas propriedades no Largo da Matriz que iam desde a cadeia até "... as casas do Alferes Antonio José da Silveira..." e que foi obrigado a vender para pagar ao vigário uns funerais, pedindo aos seus herdeiros e testamenteiros que reconhecessem "... a dita venda por firme...".

Provavelmente uma das ruas mais antigas da cidade é a que hoje leva o nome de Alexandre Gondim e que, no passado, era chamado de Rua da Cadeia.

Era através desta via que os viajantes que chegavam à vila pela entrada do Córrego de Santa Rita, desembocavam diretamente no centro chamado, na época, Praça da Matriz, hoje Praça Coronel Adolfo.



Tela de Calmon Barreto representando a fundação de Araxá e a realização da primeira missa que teria sido celebrada nas proximidades da Rua Alexandre Gondim.

Fonte: Arquivos do SPH/FCCB



UBERABA: Elvira Shopping
Fone: (034) 332-8140 - Teletax: (034) 312-0427
Shopping Urbano Salomão - Fone: (034) 312-5288
UBERLÂNDIA: Center Shopping
Teletax: (034) 236-9964
BEBEDOURO: Bebedouro Shopping Center
Teletax: (0173) 42.6217
ARAXÁ: Av. Getúlio Vargas, 55 - Loja 104

MAGOTEL

Com. e Representações
Goulart Ltda.

equitel

Telecomunicações
REVENDEDOR
EXCLUSIVO

PABX - FAX - TELEX

AP. TELEFÔNICO

VENDA - TROCA - CONSERTA - ALUGA

Rua Olegário Maciel, 111 - S/ 41 - Teletax: (034) 662-1000 - Araxá



**DISTRIBUIDORA
DE FRUTAS E
VERDURAS**

Mercado Municipal - Box 1/4/18/19/20/21/22
Fones: (034) 661-2030 e 661-3155
Fax: (034) 661-3612 - Araxá

SOBRE A ORIGEM DAS FAMÍLIAS

Família Montandon

Continuando a genealogia do ramo araxense da família Montandon apresentamos, neste número do Trem da História, a descendência de Frederico Augusto Montandon. Nasceu em São João Del Rei em 1829, primeiro filho do suíço Frederico Augusto Montandon e de D. Claudina Maria de Jesus. Chegou a Araxá junto com os pais e as irmãs Floriana e Lucia por volta de 1834. Dois outros irmãos, Cândida e Eduardo, nasceram em Araxá. Foi casado com D. Josefina Engracia Fernandes, filha de Antonio Fernandes de Oliveira Gordo e D. Engracia Maria Fernandes, com quem teve 2 filhos: Augusto Frederico e Corina Augusta. O casal residiu por um bom período de tempo em Bagagem (Estrela do Sul) onde Frederico possuía, junto com o pai e irmão, garimpos de diamantes. Pela descrição dos bens no seu inventário

podemos concluir que sua principal atividade foi a pecuária, exercida em Araxá. Faleceu nessa cidade dia 10 de julho de 1897.

FREDERICO AUGUSTO MONTANDON (1829-1897) casado com **JOSEPHINA ENGRACIA FERNANDES**. Tiveram 2 filhos:
F1- AUGUSTO FREDERICO MONTANDON casado com **GARIBALDINA DE CASTRO**. Tiveram 11 filhos:

N1- Josephino Montandon casado com Celme Carneiro. 5 filhos:

Bn1- Amir Montandon de Faria casado com Maria Conceição Marques. 3 filhos:

Tn1- Amir Montandon de Paiva Jr.

Tn2- Carlos Frederico Marques Montandon

Tn3- Giani Marques Montandon

Bn2- Altair de Paiva Montandon casada com Julio César Ribeiro. 2 filhos:

Tn4- Junara Cristina Montandon Ribeiro casada com Herbert Barca. 2 filhos:

Mateus Ribeiro Barca e Mariano Ribeiro Barca

Tn5- Júlio Carlo Montandon Ribeiro

Bn3- Adair de Paiva Montandon

Bn4- Ângela de Paiva Montandon casada com Ronaldo Batista Vieira. 1 filha:

Tn6- Nayara Montandon Vieira

Bn5- Augusto Paiva Montandon. 1 filha:

Tn7- Marina

N2- Aldemar Montandon casado com Adélia Scaff. 8 filhos:

Bn6- Wagner Montandon casado com Neusa Maria Araújo. 4 filhos:



Frederico Augusto Montandon (1829-1898) Acervo Nêo Lassí Lopes

Tn8- Homero Montandon casado com Patricia Sanders.

2 filhos:

Arthur Sanders Montandon e Matheus Sanders Montandon

Tn9- Raquel Montandon

Tn10- Walquíria Montandon casada com Carlos Guilherme Motta Magalhães

Tn11- Valéria Montandon casada com Marlon Castilho da Motta Silveira

Bn7- Wanderley Montandon

Bn8- Nereida Montandon casada com Hélio Sivieri. 6 filhos:

Tn12- Adriana Montandon Sivieri

Tn13- Silvana Montandon Sivieri

Tn14- Femando Montandon Sivieri casado com Maria Aparecida Longuinho. 2 filhos:

Fernando Montandon Sivieri Filho e Leonardo Longuinho Sivieri

Tn15- Marcos Montandon Sivieri casado com Helena Aparecida De Bodt.

2 filhos:

Victor De Bodt Sivieri e Gabriel De Bodt Sivieri

Tn16- Murilo Montandon Sivieri

Tn17- Luciana Montandon Sivieri

Bn9- Wanira Montandon casada com Edmar de Mello Dumont.

5 filhos:

Tn18- Helvécio Montandon Dumont

Tn19- Maria Aparecida Montandon Dumont casada com Danilo França Fonseca. 2 filhos:

Danilo França Fonseca Jr. e Marina Dumont Fonseca

Tn20- Wanderley Montandon Dumont casado com Ana Lucia de Toledo. 2 filhos:

Rodrigo Toledo Montandon Dumont e Bárbara de Toledo Montandon Dumont

Tn21- Altair de Mello Dumont

Tn22- Adélia Mara Dumont

Bn10- Neisse Montandon casada em 1ªs núpcias com Omar Dumont Filho. 7 filhos:

Tn23- Maria Celeste Dumont casada com José



JOIVI
MÓVEIS E DECORAÇÕES LTDA.

Rua Belo Horizonte, 832
Fone: (034) 661-1166
Rua Olegário Maciel, 266
Fone: (034) 661-4433 - Araxá

AGROMÁQUINAS

TRATORES IMP. AGRÍCOLAS LTDA.

Av. Carício Afonso Ribeiro, 60
Fone: (034) 661-4050



ANTÁRTICA

DISTRIBUIDORA DE CERVEJAS ARAXÁ LTDA.

Av. Amazonas, 2500
Fone: 661-3193

SOBRE A ORIGEM DAS FAMÍLIAS

Família Montandon

Walter Braga. 3 filhos:

Gustavo Dumont Braga, Rafael Dumont Braga e Aline Dumont Braga

Tn24- Cláudia Maria Montandon Dumont

Tn25- Maria Tereza Dumont casada com Pedro Marques da Silva. 3 filhos:

Paula Dumont Marques, Lucas Dumont Marques e Daniel Dumont Marques

Tn26- Maria Lúcia Dumont casada com Ronaldo Sousa Lopes.

Tn27- Omar Dumont Neto

Tn28- Neisse Maria Dumont casada com Ubirajara Vianez Brito

Tn29- Ana Maria Montandon Dumont

Neisse Montandon casada em segundas núpcias com Adalberto Dumont. Não tiveram filhos.

Bn11- Wander Montandon casado com Sonia Timmers. 3 filhos:

Tn30- Alexandre Timmers Montandon

Tn31- Renato Timmers Montandon

Tn32- Marcelo Timmers Montandon

Bn12- Wania Montandon casada com Arnaldo Paiva. 4 filhos:

Tn33- Arnaldo Paiva Junior

Tn34- Maria de Lourdes Montandon Paiva

Tn35- Antonio Augusto Montandon Paiva

Tn36- Aldemar Antonio Montandon Paiva

Bn13- Nadya Montandon casada com Artemio Carvalho Motta. 2 filhos:

Tn37- Flaviano Montandon Motta

Tn38- Tania Montandon Motta

N3- Engrácia Montandon casada com José Arantes de Lima. 1 filha:

Bn14- Danise Montandon Arantes casada com José Galdino. 3 filhos:

Tn39- Rosana Arantes Galdino casada com Ricardo Dolbin. 2 filhos:

Juliana Dolbin e Fernando Dolbin

Tn40- Roseneida Arantes Galdino casada com Luis Antonio Faveri Adenshoon. 3 filhos:

Mariana Adenshoon, Fernanda Adenshoon e Luis Antonio Faveri Adenshoon

Tn41- João Galdino casado com Susana Faveri. 1 filho:

João Galdino Neto

N4- Maria Montandon casada com Dolmevir Jacob. Tiveram 6 filhos:

Bn15- Josephina Montandon Jacob casada com Pedro de Melo. 3 filhas:

Tn42- Isa Maria de Melo. 1 filha:

Sibele Montandon de Melo

Tn43- Cestir de Melo

Tn44- Kátia de Melo casada com Salvino Cezar. 1 filho:

Salvino Cezar Filho

Bn16- Maria Montandon casada com Herbert Oto Napier. 3 filhos:

Tn45- Suzana Berta Montandon Napier casada com Luiz Carlos Melo dos Reis. 4 filhos:

Irina Napier dos Reis, Ligia Napier dos Reis, Solange Napier dos Reis e Lucas Napier dos Reis

Tn46- Luci Maria Montandon Napier casada



Corina Augusta Montandon. Acervo Nilo Lássio Lopes

com Romualdo Cêzar Puga. 3 filhos: Murilo Napier Puga, Amarili Napier Puga e Ivan Napier Puga

Tn47- José Frederico Montandon Napier casado com Maristela Leika Tanaka

Bn17- Celia Jacob casada com Jacob Penaforte. 6 filhos:

Tn48- Aloisio Jacob Penaforte casado com Maria Aparecida Oliveira. 2 filhos:

Eliane Penaforte e Carlos Augusto Penaforte

Tn49- Eliane Jacob Penaforte casada com Flavio Marcio Certari. 2 filhos:

Fabiano Penaforte Certari e Fabio Penaforte Certari

Tn50- Eloisa Jacob Penaforte

Tn51- Alonso Jacob Penaforte

Tn52- Elizabeth Jacob Penaforte

Tn53- Hamilton Jacob Penaforte

Bn18- Carlos Fernando Jacob casado com Haidesita Braga. 7 filhos:

Tn54- Maria Zita Braga Jacob casada com Marco Augusto Cecchini. 3 filhos:

Mario Amore Cecchini, Davi Amore Cecchini e Micael Amore Cecchini

Tn55- Sueli Maria Braga Jacob casada com Rubens Rocha de Vasconcelos. 2 filhos:

Rubens Rocha de Vasconcelos Jr. e Carlos Fernando Jacob Neto

Tn56- Iara Maria Jacob casada com Jose Maria Pereira. 3 filhos:

Fernando Rafael Jacob Dorso, Taliitha Jacob Dorso e Frederico Jacob Dorso

Tn57- Marise Braga Jacob. 2 filhos:

Karla Jacob Resende e Kelem Jacob Resende

Tn58- Haidée Maria Braga Jacob casada com Paulo Sérgio Baskerville Ierardi

Tn59- Carlos Hermano Jacob

Tn60- Ana Kelly Braga Jacob

Bn19- Ione Jacob casada com Oraldo Gonçalves. 3 filhos:

Tn61- José Eduardo Gonçalves casado com Sandra Gonçalves. 2 filhos:

Rafael Gonçalves e Ana Carolina Gonçalves

Tn62- Solange Gonçalves. 1 filha:

Ana Paula Gonçalves

Tn63- Rogério Gonçalves

Bn20- Cassio Jacob

N5- Frederico Montandon. 1 filho:

Bn21- Luiz Augusto Montandon

N6- Fausto Montandon casado com Geralda Botelho. Não tiveram filhos.

N7- Clodion Montandon casado com Ivone Montandon. Não tiveram filhos.

N8- Idalina de Castro Montandon casada com Ipy Rodrigues Faria Barbosa. 9 filhos:

Bn22- Adelina Montandon Barbosa

Bn23- Iago Montandon Barbosa casado em primeiras núpcias com Vera Maria Martins. 4 filhos:

Tn64- Gislene Barbosa casada com Maurício de Freitas Castro. 3 filhos:

Rodrigo Barbosa de Freitas Castro, Cecília Barbosa de Freitas Castro e Clarise Barbosa de Freitas Castro

Tn65- Milene Barbosa casada com Luiz Carlos de Oliveira. 1 filho:

Arthur Barbosa de Oliveira

Tn66- Cilene Barbosa

Tn67- Ariene Barbosa. 2 filhos:

Gabriel Barbosa e Sofia Barbosa

Iago Montandon Barbosa casado em segundas núpcias com Angela Polínia Moreira de Brito. 2 filhos:

Tn68- Ian Ricardo Brito Barbosa

Tn69- Mirna Jacqueline Brito Barbosa

Iago Montandon Barbosa casado em terceiras núpcias com Rosália Bezerra. Não tiveram filhos:

Bn24- Erbio Montandon Barbosa casado em primeiras núpcias com Ercília Figueiredo. 3 filhos:

Tn70- Erick Figueiredo Barbosa casado com Maria Aparecida Fontes Call. 1 filha:

Erika Fontes Call Barbosa

Tn71- Erlayne Figueiredo Barbosa casada com Jefferson dos Santos. 2 filhas:

Camila Figueiredo Barbosa Santos e Yasmin Figueiredo Barbosa Santos

Tn72- Ertlys Figueiredo Barbosa casada com Angelo Aredes. 1 filha:

Asheley Barbosa Aredes

Erbio Montandon Barbosa casado em segundas núpcias com Elizabeth de Lacerdo. Não tiveram filhos.

Bn25- Elcio Montandon Barbosa casado com Maria Aparecida Alves. 3 filhos:

Tn73- Peter Alves Montandon casado com Ana Claudia Soares. 1 filha:

Thaiane Soares Montandon

Tn74- Patrícia Alves Montandon casada com Carlos Eduardo Senna Sardi

Tn75- Ernani Alves Montandon casado com Ana Claudia Carneiro. 2 filhos:

Fillipe Carneiro Montandon e Lucas Carneiro Montandon

Bn26- Gislene Montandon Barbosa

Bn27- Roselene Montandon Barbosa

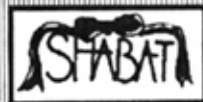
Bn28- Suelene Montandon Barbosa casada com Antonio Augusto de Castro. 3 filhos:

Tn76- Luiz Humberto de Castro casado com Andrea Marcia Ribeiro da Fonseca

Tn77- Alexandre Augusto de Castro

Tn78- Leticia Montandon de Castro

Bn29- Dargo Montandon Barbosa casado em primeiras núpcias com Marcia Jussara de Oliveira. 1 filha:



Flores e
presentes

AV. IMBIARA, 53 - FONE: 662-3157

Carnes bovinas,
suínas, frangos e
linguiça

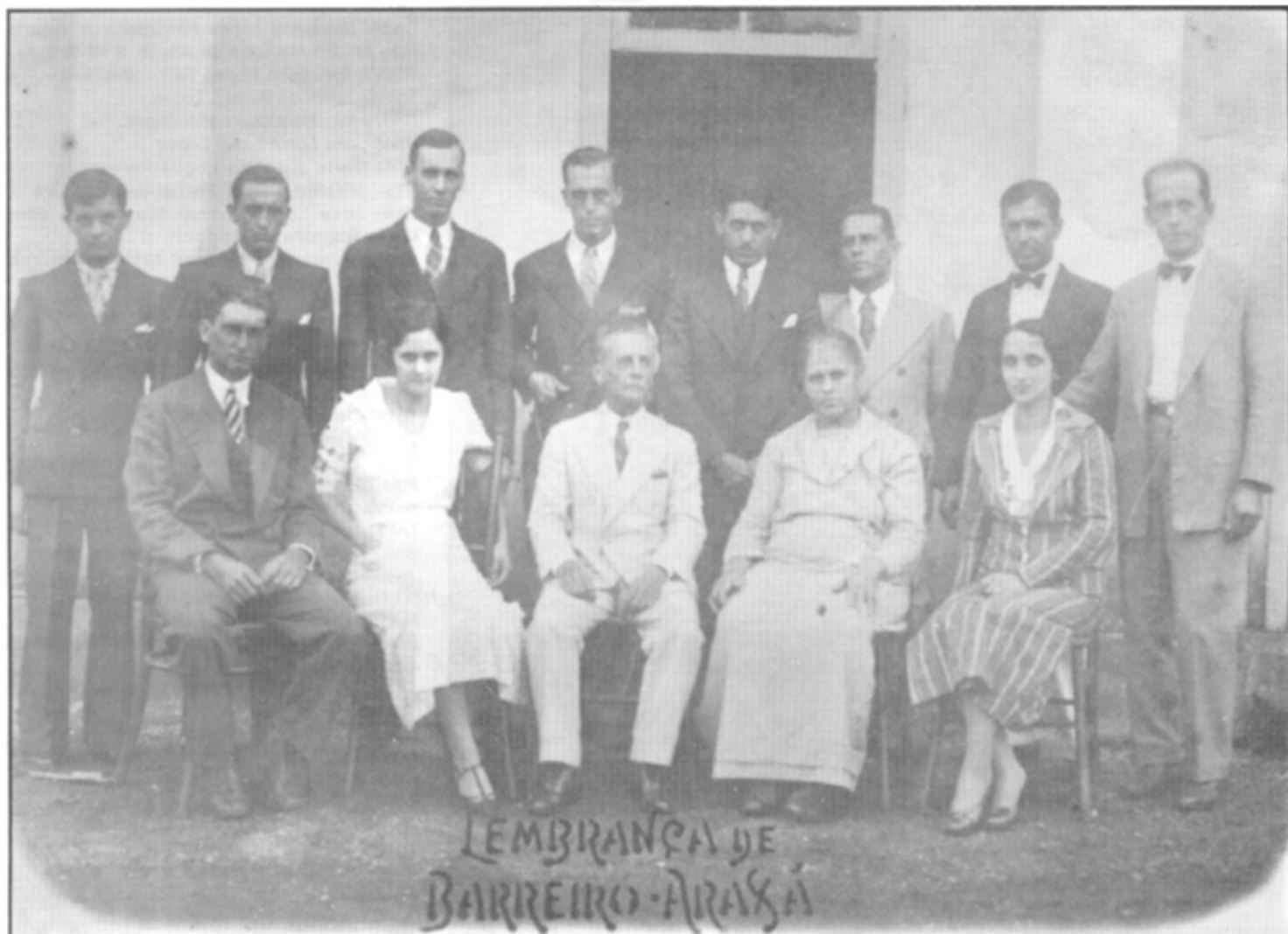
Mercado Municipal
Box 55/61/63
Fone: 661-4755

R. Uberaba, 140-Fone: 661-4982



SOBRE A ORIGEM DAS FAMÍLIAS

Família Montandon



Augusto Frederico com Garibaldina, filhos, noras e genros na festa dos seus 70 anos. Sentados, da esquerda para direita: Ipy, Idalina, Augusto Frederico, Garibaldina, Adélia. Em pé: Joel, Geraldo, José, Fausto, Clodion, Frederico, Josefino, Aldemar. Acervo: Nilo Lassi Lopes

Tn79- Lorraine Oliveira Barbosa

Bn30- Dario Montandon Barbosa casado com Simone Marinho Martins. 2 filhos:

Tn80- Sheiny Montandon Barbosa

Tn81- Shana Montandon Barbosa

N9- José Frederico Montandon casado com Alba Zarzana. 4 filhos:

Bn31- José Montandon Filho casado com Leda. 2 filhos:

Tn82- Ricardo

Tn83- Gustavo

Bn32- Hilário Montandon casado com Marcela. 2 filhos:

Tn84- Verônica

Tn85- Daniel

Bn33- Waldo Montandon casado com Lucia. 2 filhos:

Tn86- Rodrigo

Tn87- Camila

Bn34- Dina Mara Montandon casada com Roberto Pasl. 2 filhos:

Tn88- Bruna

Tn89- Marcos

N10- Geraldo Montandon casado com Nirce Giselda Jacob. 6 filhos:

Bn35- Augusto Montandon casado com Maria Celia. 2 filhos:

Tn90- Fausto Augusto Montandon

Tn91- Fabiana Maria Montandon

Bn36- Maria Garibaldina Montandon casada com Moacir Jorge Oliveira. 2 filhos:

Tn92- Leonardo Montandon Oliveira

Tn93- Leandro Montandon Oliveira

Bn37- Eladio Frederico Montandon casado com Sandra Montandon. 3 filhos:

Tn94- Frederico Montandon

Tn95- Felipe Montandon

Tn96- Fernanda Montandon

Bn38- Antenor Augusto Montandon casado com Auristela Montandon. 2 filhos:

Tn97- Juliana Montandon

Tn98- Julio Augusto Montandon

Bn39- Maria Isabel Montandon casada com Jose Wady Maluf

Bn40- Elisa Maria Montandon

N11- Joel Montandon casado com Ocirene Reis Moura. 3 filhos:

Bn41- Marcia Auxiliadora Montandon casada com Luis Antonio Fagundes Pinto. 2 filhos:

Tn99- Flavia Montandon Fagundes Pinto

Tn100- Rodrigo Montandon Fagundes Pinto

Bn42- Mauricio Montandon casado com Dalva Regina Amaral. 2 filhos:

Tn101- Patricia Amaral Montandon

Tn102- Marcelo Amaral Montandon

Bn43- Maria Magaly Montandon casada com Ernani Noronha Barros. 2 filhos:

Tn103- Bruno Montandon Noronha

Tn104- Sergio Montandon Noronha

F2- CORINA AUGUSTA MONTANDON casada com **ANTONIO PIO FERNANDES.** Tiveram 6 filhos:

N12- Juracy Lopes Fernandes

N13- Frederico Lopes Fernandes casado com Libia d'Abadia Lassi. 5 filhos:

Bn44- Antonio Carlos Lassi Lopes casado com Yara Maria Lacerda. 3 filhos:

Tn105- Cristiano Augusto Lacerda Lopes

Tn106- Carla Augusta Lacerda Lopes

Tn107- Cecilia Augusta Lacerda Lopes

Bn45- Vergniaud Lassi Lopes casado com Alva Maria de Figueiredo. 2 filhos:

Tn108- Valeria Montandon de Figueiredo Lassi Lopes

Artforma
decorações

M^{ra} Valeria Garcia

Rua Cônego Cassiano, 155
Fone: (034) 661-2317 - Telefax: (034) 661-2754 - Araxá



Clínica de Ortopedia e Fraturas de Araxá

Dr. Abdalla Elias Neto

Av. Imbiara, 880 - Tel.: 661-2967 - Araxá

SOBRE A ORIGEM DAS FAMÍLIAS

Família Montandon



Casal Augusto Frederico Montandon e Garibaldi de Castro com o filho Josefino. Acervo: Nilo Lassi Lopes

- Tn109- Tatiana Montandon Lassi Lopes
 Bn46- Frederico Lopes Fernandes Jr. casado com Marina Marques de Araujo. 2 filhos:
 Tn110- Frederico Lopes Fernandes Neto
 Tn111- Luiza de Araujo Lopes
 Bn47- Nilo Henrique Lassi Lopes
 Bn48- Ana Lúcia Lassi Lopes
N14- Maria Josefina Lopes Fernandes
N15- Josefina Lopes Fernandes - solteira
N16- Jose Lopes Fernandes casado com Maria Augusta de Andrade. 5 filhos:
 Bn49- Junia Maria Lopes casada com Yuri Debevc. 2 filhos:
 Tn112- André Debevc
 Tn113- Barbara Debevc
 Bn50- Frederico Augusto de Andrade Lopes
 Bn51- José Maria de Andrade Lopes casado com Sonia Maria Bastos. 2 filhos:
 Tn114- Bruno Bastos Lopes
 Tn115- Renata Bastos Lopes
 Bn52- Eduardo de Andrade Lopes casado com Inês Tavares. 2 filhos:
 Tn116- Pedro Tavares Lopes
 Tn117- João Eduardo Tavares Lopes
 Bn53- Rodrigo de Andrade Lopes casado com Jamile Maria de Souza.
N17- Rui Lopes Fernandes casado com Maria Luiza Rezende. 4 filhos:
 Bn54- Vânia Fernandes casada com Vicente de Paulo Diniz. 3 filhos:
 Tn118- Alexandre Fernandes Diniz
 Tn119- Rogério Fernandes Diniz
 Tn120- Cristiane Fernandes Diniz
 Bn55- Luiz Carlos Rezende Lopes casado com Carla Patrícia Frade Nogueira. 3 filhos:
 Tn121- Camila Nogueira Rezende Lopes
 Tn122- Juliana Nogueira Rezende Lopes
 Tn123- Daniele Nogueira Rezende Lopes
 Bn56- Sérgio de Rezende Lopes
 Bn57- Corina Augusta de Rezende Lopes.

Fontes: - Arquivos do SPH/FCCB e depoimentos de vários membros da Família Montandon
 - Arquivos Cartoriais
 - Arquivos da Câmara Municipal
 - SAINT-HILAIRE, Auguste de
 Viagem às Nascentes do Rio São Francisco, Belo Horizonte. Itália. 1975.
 - MONTANDON, Frédéric J.
 Les Montandon, Origine Histoire. Généalogie Genève. 1913.



Você conhece
há 70 anos.

Centro Comercial Domingos Zema, 111 - 5º Andar



arafertil



**BORGES E DRUMMOND
CONSTRUÇÕES E
ENGENHARIA LTDA.**

RUA VIRGÍLIO DE ABREU, 511
FONE: (034) 661-4577 - ARAXÁ



ATM PROPAGANDA - FONE: 662-2097

Drogalou

Aberta 24 horas

Rua Dom José Gaspar, 225

Fone: 662-4165

PANIFICADORA ESTÂNCIA LTDA.

Temos o melhor chimango, e
chimanguinho temperado.
Aceitamos encomenda

Em dois endereços:

R. Irinéia A. de Paiva, 100 e
R. Santo Antônio, 820 - PABX: 661-1024